

## CONSTRUCTOS FREIRIANOS ENLAÇADOS ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE O ENSINO DE LIBRAS

**Andrea Pereira Silveira<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Pará

**Ivany Pinto Nascimento<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Pará

**Orquídea Coelho<sup>3</sup>**

Universidade do Porto - Portugal

### Resumo

Trazemos para o debate os constructos freirianos expressos nas representações sociais de professores acerca do ensino de Língua Brasileira de Sinais - Libras. Trata-se de um estudo pautado no seguinte problema de investigação: como são construídas as representações sociais de professores acerca do ensino de Libras, no ensino superior, e a reverberação destas em suas práticas pedagógicas? Buscamos como objetivo geral analisar as representações sociais de professores acerca do ensino de Libras e a reverberação destas em suas práticas pedagógicas. De modo específico, nesse artigo, por meio de um recorte, almejamos destacar a perspectiva teórica freiriana evidenciada nas imagens e nos sentidos que os professores apresentam sobre o ensino de Libras. Constitui-se em uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, pautada nos aportes teórico-metodológicos da Teoria das Representações Sociais (TRS)

---

<sup>1</sup> Licenciada Plena em Pedagogia (2006), Especialista em Tradução e Interpretação em LIBRAS/ Língua Portuguesa (2008) e Mestre em Educação (2011) pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2019), com estágio doutoral sanduíche na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP (2017), bolsa financiada pela CAPES, mediante o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0914-6957>. E-mail: [andreasilveira29@gmail.com](mailto:andreasilveira29@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade da Amazônia (1984), graduação em Formação de Psicólogo pela Universidade da Amazônia (1985), graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Pará (1978), mestrado (1998) e doutorado (2002 em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Pós Doutorado (2011) pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2455-3676>. E-mail: [ivany.pinto@gmail.com](mailto:ivany.pinto@gmail.com)

<sup>3</sup> 2007 – Doutoramento em Ciências da Educação – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal. 1998 – Mestrado em Ciências da Educação – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal. 1995 – Licenciatura em Ciências da Educação – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal. 1994 – CESE em Educação Especial – Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7819-7956>. E-mail: [orquidea@fpce.up.pt](mailto:orquidea@fpce.up.pt)

enlaçada à Educação de Surdos e aos contributos de Freire (2013, 2018a, 2018b). O *lócus* compreende 5 campi de uma universidade pública localizada no estado do Pará, no Brasil. Os sujeitos são 10 professores de Libras que lecionam essa disciplina nos cursos de licenciaturas. A produção de dados associa a entrevista e a técnica de elaboração de desenhos. Na análise de dados empregamos a Análise de Conteúdo temática. Os resultados revelam que os sujeitos representam o ensino de Libras enquanto: dinamizador de acessibilidade e de mudanças metodológicas; semente do bilinguismo; e reconhecimento da diversidade. Por fim, consideramos, nessas representações, que o pensamento freiriano é latente nos constructos: diálogo, esperança, e superação da prática tradicional.

**Palavras-Chave:** Constructos freirianos; Representações sociais; Professores de Libras; Ensino de Libras.

## FREIRIAN CONSTRUCTS RELATED TO TEACHER SOCIAL REPRESENTATIONS ON LIBRAS TEACHING

### Abstract

We bring to the debate the Freirian constructs present in the social representations of teachers about the teaching of Brazilian Sign Language - Libras. This is a study based on the following research problem: how are teachers' social representations about the teaching of Libras in higher education constructed and the reflection of this in their pedagogical practices? We seek as a general objective to analyze the social representations of teachers about the teaching of Libras and their reflexes in their pedagogical practices. In the excerpt of this article, the objective is to highlight the Freirean theoretical perspective evidenced in the images and meanings that teachers present about the teaching of Libras. The study is a field research with a qualitative approach, based on the theoretical-methodological contributions of the Social Representations Theory (SRT) linked to the Education of the Deaf and the contributions of Freire (2013, 2018a, 2018b). The locus comprises 5 campuses of a public university located in the state of Pará, Brazil. The subjects are 10 Libras teachers who teach this subject in undergraduate courses. Data production associates the interview and the technique of drawing design. In data analysis we use thematic content analysis. The results show that the subjects represent the teaching of Libras as: facilitator of accessibility and methodological changes; seed of bilingualism; and recognition of diversity.

Finally, we consider, in these representations, that Freirian thought is latent in the constructs: dialogue, hope, and overcoming traditional practice.

**Keywords:** Freire constructs; Social representations; Libras teachers; Libras Teaching

## CONSTRUCTOS FREIRIANOS ENLAZADOS À LAS REPRESENTACIONES SOCIALES DE PROFESORES SOBRE LA ENSEÑANZA DE LIBRAS

### Resumen

Traemos para el debate los constructos freirianos expresados en las representaciones sociales de profesores sobre la enseñanza de Lengua Brasileña de Señas - LIBRAS. Tratase de un estudio pautado en el siguiente problema de investigación: ¿Cómo son construidas las representaciones sociales de los profesores acerca de la enseñanza de lenguas, en la enseñanza superior, y la reverberación de estas en sus prácticas pedagógicas? Buscamos como objetivo general analizar las representaciones sociales de profesores acerca de la enseñanza de LIBRAS y la reverberación de estas en sus prácticas pedagógicas. Y de modo específico, en este artículo, por medio de un recorte, buscamos destacar la perspectiva teórica freiriana evidenciada en las imágenes y los sentidos que los profesores presentan sobre la enseñanza de LIBRAS. Se constituye en una investigación de campo, de abordaje cualitativo, pautado en los aportes teórico-metodológicos de la Teoría de las Representaciones Sociales (TRS) enlazada a la Educación de Sordos y a la contribución de Freire (2013, 2018a, 2018b). El locus comprende 5 sedes universitarias de una universidad pública ubicada en el estado de Pará, en Brasil. Los sujetos son 10 profesores de LIBRAS que imparten esa asignatura en los cursos de licenciaturas. La producción de datos asocia la entrevista a la técnica de elaboración de dibujos. En el análisis de datos empleamos el análisis de contenido temático. Los resultados enseñan que los sujetos representan la enseñanza de LIBRAS en cuanto: dinamizador de accesibilidad y de cambios metodológicos; semilla del bilingüismo; y reconocimiento de la diversidad. Por fin, consideramos, en estas representaciones, que el pensamiento freiriano es latente en los constructos: dialogo, esperanza, y superación de la práctica tradicional.

**Palabras Clave:** Constructos freirianos; Representaciones sociales; Profesores de Libras; Enseñanza de Libras.

## INTRODUÇÃO

Ao constituir o “Ensino de Libras” como objeto de representação social<sup>4</sup>, necessitamos situar em que ponto de vista estamos a vislumbrá-lo. Destarte, assumimos que a Língua Brasileira de Sinais é o principal artefato cultural das comunidades surdas no Brasil e, por isso, consideramos que para as pessoas surdas essa língua está imersa e intimamente atrelada às suas experiências visuais.

Importa destacar dois instrumentos legais relevantes para os surdos no contexto brasileiro, a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, por meio da qual a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida como língua das comunidades de pessoas surdas no Brasil e o Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta essa Lei, bem como assegura aos cidadãos surdos brasileiros o direito ao uso e difusão da Libras (BRASIL, 2002; 2005).

O Decreto n.º 5.626/2005 enseja o objeto de estudo, pois em seu art. 3º implementa a disciplina Libras como obrigatória nos cursos de licenciatura, nos cursos de educação especial e fonoaudiologia das instituições de ensino superior da esfera federal, estadual e municipal, de instituições públicas e privadas, em todo o território nacional (BRASIL, 2005). Isto implica diretamente na criação da demanda de professores de Libras para atuação no ensino superior a fim de atender o disposto legalmente.

Nesse cenário de obrigatoriedade da disciplina Libras nas licenciaturas, consideramos que esse é um momento propício para investigar as representações sociais de professores sobre o ensino de Libras, por traduzir-se no acompanhamento de um pouco mais de uma década de implantação do Decreto Federal nº 5.626/2005.

---

<sup>4</sup> Indicamos Moscovici (2009), Jodelet (2001), Nascimento (2015), Silveira, Lobato e Silva (2017) e Oliveira, Oliveira e Silveira (2018), caso haja o desejo de consultar as bases desse estudo no âmbito da Teoria das Representações Sociais.

Situamos que nesse artigo, partimos de uma pesquisa doutoral que, de modo geral, objetivou analisar quais as representações sociais de professores universitários sobre o ensino de Libras. De posse dos resultados e discussão, observamos que essas representações sociais elaboradas estavam pautadas em algumas dimensões do pensamento de Paulo Freire (2013, 2018a, 2018b). Dessa maneira, detectamos que os docentes estaleceram processos representacionais nos quais a emergência de constructos freirianos é latente.

Assim, trazemos um recorte da investigação supracitada, no qual propomos responder a seguinte *questão problema*: *quais constructos freirianos estão enlaçados as representações sociais de professores universitários sobre o ensino de Libras?* Em confluência a essa indagação, no presente artigo, *objetivamos identificar os constructos freirianos enlaçados as representações sociais dos professores universitários sobre o ensino de Libras.*

Demarcamos que *o diálogo, a mudança e a esperança* são marcas freirianas recorrentes nas representações dos professores. Vale situar que nos deteremos nas imagens produzidas pelos sujeitos, associadas aos sentidos atribuídos por eles às respectivas imagens. Portanto, esse será o nosso mote para a busca do enlace entre as representações sociais detectadas e os constructos freiriano que as subsidiam.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa (CHIZZOTTI, 2009), imbricada no estudo de Representações Sociais em abordagem processual (NASCIMENTO, 2015). A abordagem processual, conforme o nome sugere, prima pelo estudo do processo de emergência, bem como pelo conteúdo e circulação das representações sociais.

O *locus* desse estudo constitui-se em 5 campi de uma universidade pública situada no estado do Pará, na região norte do Brasil. Os *sujeitos* compreendem 10 professores de Libras. Entretanto, nesse artigo, apresentaremos imagens e sentidos produzidos por 4 docentes.

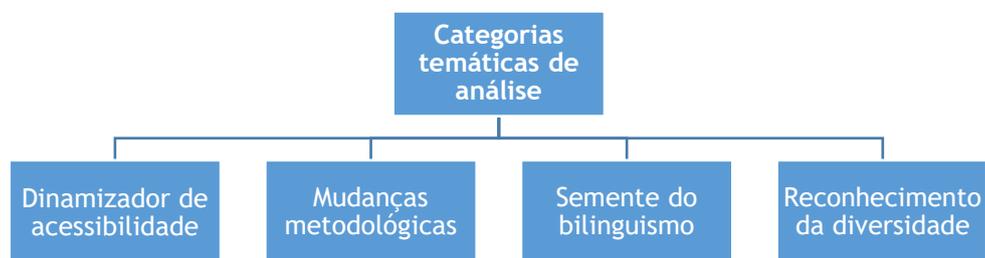
A produção de dados pautou-se em duas técnicas: a entrevista e a elaboração de desenhos. Destacamos esta última por oportunizar que os sujeitos revelassem representações sobre o ensino de Libras pautadas em imagens e sentidos inerentes às práticas pedagógicas que desenvolvem.

Os dados foram sistematizados e analisados por meio de algumas técnicas da análise de conteúdo, mais especialmente centramo-nos na análise categorial temática (BARDIN, 2011). Assumimos categorias temáticas de análise emergentes, a fim de permitir vir à tona o que os dados revelavam a partir das falas dos sujeitos sobre os seus desenhos.

Esclarecemos que após a produção e organização dos dados, optamos por centrar a nossa discussão nas imagens e nos sentidos elaborados a partir dos desenhos e, mais especificamente, na análise de conteúdo das falas dos sujeitos sobre os seus respectivos desenhos.

Para fins ilustrativos apresentamos as categorias temáticas de análise, adotadas nesse estudo, na figura 1, a saber:

**Figura 1 - Categorias temáticas de análise**



Fonte: elaboração própria (2019).

Ressaltamos que a emergência dessas categorias temáticas foi tomada como norteadora no decorrer da análise de conteúdo realizada a partir das falas dos sujeitos sobre os seus desenhos, na medida em que cada sujeito atribuiu significados aos desenhos que elaboraram.

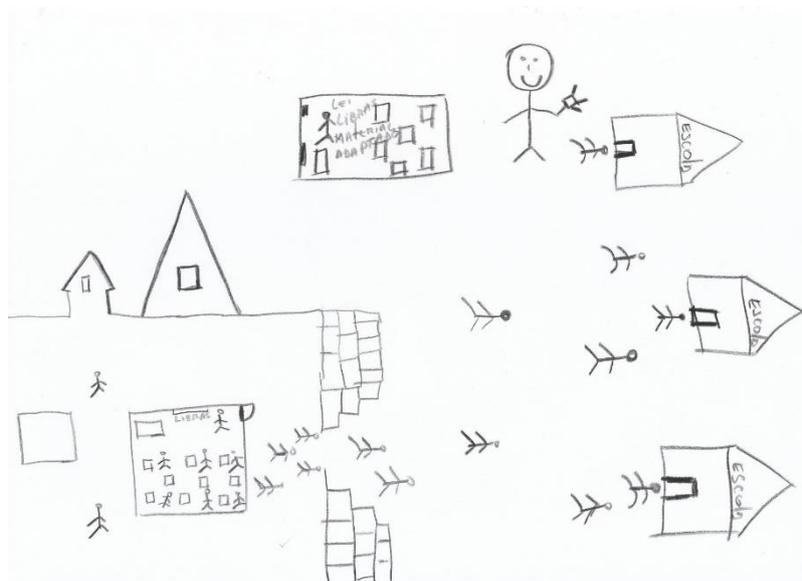
## CONSTRUCTOS FREIRIANOS: LAÇOS NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ENSINO DE LIBRAS

As significações que os sujeitos atribuíram aos seus respectivos desenhos sobre “o ensino de Libras” suscitaram a emergência das seguintes categorias temáticas de análise: (1) *dinamizador de acessibilidade*; (2) *mudanças metodológicas*; (3) *semente do bilinguismo*; e (4) *reconhecimento da diversidade*. Compreendemos que essas categorias temáticas de análise estão intimamente ligadas, tocam-se, têm interseções e, podemos ousar dizer que se retroalimentam.

Situamos ainda que vamos tratar sobre os professores: Nino, Luís, Flor e Kyle. Estes correspondem a nomes fictícios escolhidos pelos próprios docentes. Em prosseguimento, afinamos a primeira categoria temática de análise: *dinamizador de acessibilidade*.

O professor surdo Nino apresenta a representação do ensino de Libras atrelada à acessibilidade conquistada por meio da quebra de barreira de comunicação e, para tanto, aponta a formação de professores como um caminho viável. Nesse sentido, esse professor representa a articulação entre a Libras ensinada no contexto da formação inicial de professores e os possíveis reflexos disso quando os alunos, após formados, adentrarem ao espaço da escola. Vejamos:

**Desenho 1** - A formação de professores e a quebra de barreiras



Fonte: desenho elaborado pelo professor Nino - corpus da pesquisa (2019).

Eu desenhei o *contexto universitário*, a universidade, o professor transmitindo em cada sala a disciplina de Libras. Depois tem um momento em que *os alunos se formam e quebram essa barreira* e eles começam a iniciar um trabalho já no contexto escolar. *Eles conseguem se comunicar na escola com os alunos surdos. A partir do momento em que eles adentram nessa escola todos ficam felizes.* Aqui é uma sala [aponta para o desenho] e aqui [aponta para o desenho] o professor fala sobre as leis e sobre a educação de surdos, dos conceitos, aqui [aponta para o desenho] ele explica junto com o aluno (PROFESSOR NINO, grifo nosso).

O professor Nino representa a prática docente do ensino da disciplina no contexto universitário. Nessa via, ele expressa o ensino das leis e de demais aspectos relacionados à Educação de Surdos e articula que esse processo formativo reverbera no contexto escolar na medida em que os discentes das licenciaturas, após formados, adentrarão na escola e isso permite uma quebra de barreira, já que conseguirão estabelecer comunicação com os alunos surdos, pois interagem por meio da Libras.

Nesse sentido, o professor Nino apresenta uma perspectiva positiva diante do ensino de Libras no processo da formação inicial de professores, haja

vista que vislumbra que esse ensino proporciona impactos na comunicação e na interação entre professores e alunos surdos. Dessa maneira, a formação de professores é evidenciada em sua representação como intimamente relacionada às dinâmicas que serão estabelecidas no contexto escolar a partir da expectativa da vindoura atuação dos alunos egressos no âmbito do ensino, enquanto futuros professores.

O professor Nino expressa a potência de que após a sua formação, os alunos quebram barreiras de comunicação por meio da interação, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais é compreendida como uma ferramenta de transformação das relações estabelecidas e, em sua compreensão, possibilita que todos sintam-se felizes.

Isto posto, consideramos que a perspectiva da representação do professor Nino é pautada na esperança de que o ensino de Libras, no âmbito da formação inicial de professores, agregue mudanças no contexto da educação básica, pois aspira que a presença desses profissionais possibilita a comunicação, a interação em Língua Brasileira de Sinais, fato que media emanar sentimentos positivos, de contentamento, de felicidade na escola.

Isso remete-nos a assertiva de Freire (2018) concernente à possibilidade de que professores e alunos juntos construam uma relação dialógica, pautada no duo alegria e esperança como basilares da prática educativa:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria (FREIRE, 2018a, p.70).

O obstáculo apontado no contexto representado é a barreira na comunicação, a qual pode ser quebrada por meio da interação que a disciplina Libras possibilita na formação inicial de professores. Nisso reside a esperança

do professor Nino. Ele almeja o fluir e o fruir da felicidade quando professores que sabem Libras adentram na escola.

Dialogamos com Flores (2003) no sentido de apontar que “a formação de professores constitui um processo que implica uma reflexão permanente sobre a natureza, os objetivos e as lógicas que presidem à sua concepção, organização e operacionalização” (p. 127). Assim, coadunamos com o professor Nino que a disciplina Libras apresenta um potencial de quebra de barreiras, entretanto, pautadas em Flores (2003) anunciamos que a formação de professores pressupõe uma reflexão perene, especialmente no que tange às lógicas que subjazem os contextos e os limites do processo formativo.

Ainda sobre os meandros do ensino de Libras na formação de professores, Martins (2008, p. 195) nos adverte que é preciso “cuidado para não tornarmos superficial o ensino da língua de sinais, tomando uma única disciplina semestral, como manual de inclusão dos surdos na escola e na sociedade”. Assim, cabe-nos refletir se apenas uma disciplina de Libras é capaz de garantir fluência aos discentes que a cursam? Acreditamos que isso não basta, pois se faz necessário uma política educacional que invista consistentemente na formação de professores fluentes em Libras e, por conseguinte, em planos de contratação desses profissionais com fluência para atuarem na escola junto aos alunos surdos.

Com esses apontamentos, entretanto, não negamos a importância da disciplina Libras e que ela representa uma conquista da comunidade surda, haja vista que se configura em um espaço privilegiado para difundir inicialmente essa língua, bem como os aspectos que são a ela associados. Assim, a reflexão ora proposta inclui problematizar os entraves que uma disciplina pode enfrentar para reverberar em ações concretas, ou seja, reconhecemos que há limites nesse alcance, assim como há possibilidades e potência.

Em continuidade, veremos a segunda categoria temática de análise: *mudanças metodológicas*.

O professor surdo Luís aponta a perspectiva de mudança, mas desta vez relacionada às questões de ordem das escolhas metodológicas feitas pelo docente no âmbito do ensino de Libras. Observemos:

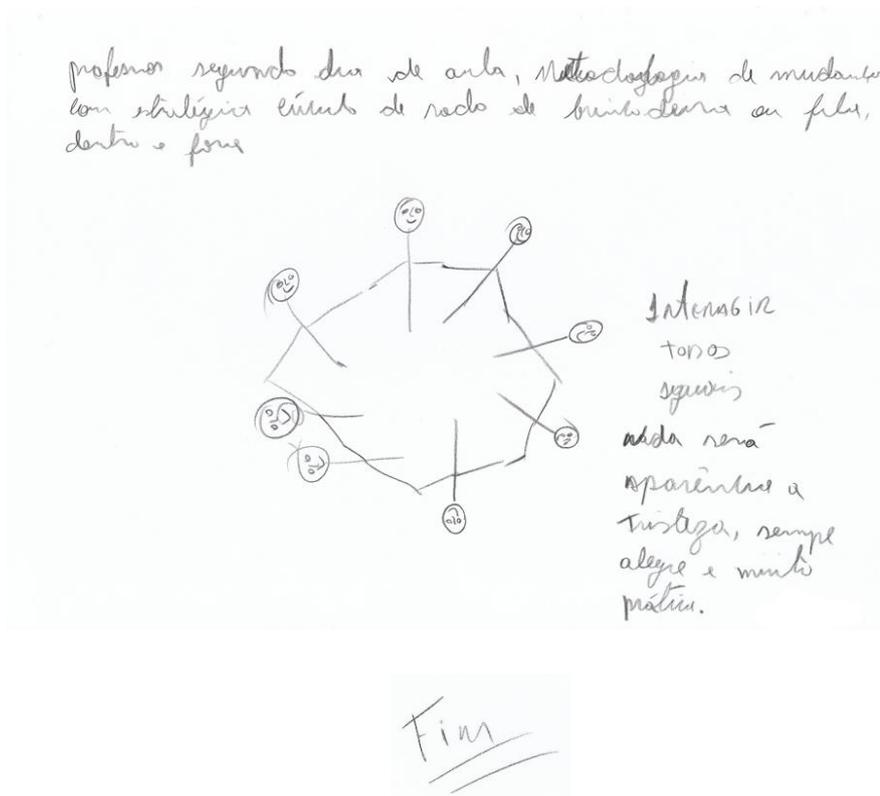
### Desenho 2 - Mudança, interação e união

Luís...



Fonte: Desenho elaborado pelo professor Luís - *Corpus* da pesquisa (2019).

### Desenho 3 - Mudança, interação e união



Fonte: Desenho elaborado pelo professor Luís - *Corpus da pesquisa* (2019).

[Desenho 2] eu fiz aqui um desenho e também coloquei alguns textos vinculados a essas imagens porque o surdo entende bem assim e o ouvinte entende também. Vou apresentar aqui o que eu quis dizer com isso! Aqui é o início [aponta para o desenho]. O que significa esse desenho? *O professor tradicional sempre ensinava do mesmo jeito*, por exemplo, ele ensinava sinais, ensinava diálogos, ensinava sempre do mesmo jeito e *isso precisa mudar porque a gente vê as pessoas sentadas tristes, estudando sempre a mesma coisa*, podem acabar dormindo ou não ter interesse sobre isso, como realmente acontece! *Como é que poderíamos mudar isso?*

[Desenho 3] esse [aponta para o desenho] é o nosso segundo dia de aula. Ali foi o primeiro dia de aula [aponta para o desenho anterior], em que o aluno estava triste aprendendo do mesmo jeito. Aqui [aponta para o desenho] é o segundo dia de aula e o que acontece? *O professor percebeu que havia necessidade da mudança, de uma estratégia e mudou a metodologia*, colocou os alunos em círculo para que eles se

sentissem mais confortáveis, se sentissem mais livres para entender e se sentissem mais calmos. Havia a necessidade de que todos se sentissem iguais, aprendessem iguais e não podia excluir ninguém. *Todos estavam ali juntos, como uma corrente, como elos de uma corrente, interagindo da mesma maneira. Não vemos ninguém triste, ninguém apático, todos animados e interagindo.* Então, houve uma mudança e *queremos que haja sempre mudanças* (PROFESSOR LUÍS, grifo nosso).

O professor surdo Luís faz um paralelo entre o primeiro e o segundo dia de aulas da disciplina Libras a fim de expressar um pujante desejo de mudança. Para tanto, utiliza-se da problematização da figura do professor tradicional para pontuar que no primeiro dia de aula esse professor “ensinava sinais, ensinava diálogos, ensinava sempre do mesmo jeito e isso precisa mudar”. E na esteira da sua constatação da necessidade de mudança o professor Luís expressa a seguinte indagação: “Como é que poderíamos mudar isso?”.

Em resposta a esse questionamento, representa o segundo dia de aula, no qual anuncia que o professor, até então tradicional, percebe que precisa mudar, pois os alunos estavam tristes e sem interesse. Para superar esse quadro esse professor propõe-se a modificar a sua metodologia. Nesse sentido, o professor Luís tece premissas atreladas a algumas mudanças nos aspectos metodológicos, as quais são demarcadas na proposição de estratégias designadas como: o uso de círculos, para que os alunos se sentissem mais confortáveis, mais livres e mais calmos; e a roda de brincadeira dentro e fora (expressa na explicação associada ao seu desenho).

Assim, o professor Luís alvitra a necessidade de promover a interação, bem como de todos sentirem-se iguais e de não excluir ninguém. Em confluência com esta argumentação apresenta-nos a metáfora de uma corrente, pois encontravam-se: “juntos, como uma corrente, como elos de uma corrente, interagindo da mesma maneira. Não vemos ninguém apático, todos animados e interagindo. Então, houve uma mudança e queremos que haja sempre mudanças” (PROFESSOR LUÍS).

É muito oportuna a metáfora da corrente para representar a conexão, a união entre os que participam da disciplina. Essa representação leva-nos a reflexão sobre a demanda do comprometimento com a aprendizagem, bem como de conforto, no sentido de bem-estar, e a proposição de que ninguém seja excluído nesse contexto, pois todos estavam unidos e a interagir.

Isto está associado ao que o professor Luís afere como uma necessidade de mudança no âmbito do ensino de Libras no ensino superior, de maneira a superar práticas tradicionais, com vias a tornar o fazer docente dinâmico, interativo e significativo. Desse modo, no prisma freiriano compreendemos que “ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pelo qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado [...]” (FREIRE, 2018a, p. 25). Nesse nicho, assumimos que:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 2018a, p. 26).

Na senda de Freire (2018a), articulamos a representação revelada pelo professor Luís, na medida em que atina a necessidade de mudança para lograr a construção de práticas “de mãos dadas” que superem a exclusão, na busca de que todos sejam “como elos de uma corrente”, unidos, enodados, a usufruir de uma educação pautada em respeito pelos sujeitos e pela valorização da língua como mediadora da interação.

A terceira categoria temática semente do bilinguismo é expressa pela professora Flor, a qual explora a metáfora da semente como um elemento gerador de sua representação imagética. Vejamos:

#### Desenho 4 - O campo sinaliza



*enquanto ensino de um vocabulário, mas nas expressões idiomáticas, nas demarcações culturais que devem ser respeitadas enquanto elemento formativo do sujeito surdo, seja no interior ou na cidade. Demarcar a surdez nesse campo da diferença e não no campo da limitação presente na visão clínica. Demarcando a alteridade, ou seja, a essência, a particularidade do sujeito surdo e da língua de sinais, que a partir disso ele vai demarcar uma identidade construída a partir das relações com os outros. Isso a disciplina de Libras irá proporcionar, a construção de uma identidade que favoreça as diferenças e que a partir desse favorecimento a gente pense em elementos culturais vinculados à língua e a luta. A luta de um povo, a luta de uma comunidade presente na minha região, no meu campo, que são filhos de trabalhadores rurais, de agricultores que estão vindo e tendo formação no ensino superior. A disciplina de Libras deve agregar informações a esse sujeito, não somente no campo da deficiência, mas no campo do movimento político da diferença, colocando as diferenças entre os negros, da comunidade LGBT, da comunidade indígena e quilombola, enquanto grupos minoritários. Minoritários não enquanto termos quantitativos, mas minoritário do sentido de movimento em prol da afirmação do que é a sua identidade. Esse campo não vai ser um campo voltado apenas para a surdez, para a deficiência, mas um campo de emancipação, um campo em que todos deem as mãos e lutem contra o seu opressor. A partir disso a gente vai ter a oportunidade de trabalhar essa igualdade, de trabalhar essas diferenças presentes, utilizando o respeito como base elementar de todas as nossas relações (PROFESSORA FLOR, grifo nosso).*

A professora Flor nomina o seu desenho de “O campo sinaliza”. Em sua representação utiliza a metáfora da semente para tratar sobre a disciplina Libras. Para tanto, estabelece 3 momentos entre a semeadura e a colheita, a saber: 1) a semente na premissa do direito; 2) a germinação que gera visibilidade; e 3) o enraizamento no sentido de conquista que gera frutos.

Destarte, a professora Flor discute o sentido de “direito” enquanto uma semente plantada no âmbito da formação inicial de professores. A “primeira germinação” dessa semente se dá a partir do desenvolvimento da disciplina por meio do sentido de “visibilidade”. Ela vislumbra que a essa visibilidade é lograda por meio da discussão da representação social da surdez no campo clínico, no campo sócio antropológico, nos âmbitos legal e metodológico.

Entabula ainda que o terceiro momento, representado em seu desenho, compreende o decorrer e a finalização da disciplina Libras, espaço temporal em que a semente deixa de ser apenas traduzida em um direito e ganha o sentido de conquista. A conquista assume em sua imagem a metáfora de raiz. Essa raiz nutre uma árvore frondosa e frutífera.

Tais frutos são representados pelas seguintes palavras: Libras, empoderamento e surdez, as quais estão em destaque pela fonte da escrita, bem como pela centralidade na copa da árvore; as demais palavras campo, luta, língua, oportunidade, cultura, igualdade, identidade, alteridade, diferenças, surdez, respeito, Libras, associação, diálogo, união e inclusão são dispostas de modo a envolver as bordas da copa da árvore como um enlace, uma rede de sentidos que estão interligados. Frutos advindos da mesma semente.

Vale destacar o sentido de que a semente plantada, enquanto a representação da disciplina Libras, cresce e se torna uma conquista que, por sua vez, gera frutos e promove a colheita de sentidos que cerceiam o empoderamento da pessoa surda. Nesse cultivo do empoderamento da pessoa surda a disciplina Libras é situada como propulsora da discussão da surdez no campo da diferença e não da deficiência. Isto posto, a professora Flor assevera que a conquista se dá mediante a informação e pelo reconhecimento do direito que circunscreve o uso da língua de sinais. Para ela o empoderamento envolve a valorização de elementos como a identidade, cultura, diferença linguística.

Soma-se a isso, a professora Flor trata que a disciplina Libras possibilita uma reflexão acerca da inclusão realizada nas escolas hoje em contraponto com a escola que se quer: a escola bilíngue. Interessa-nos retomar a premissa da professora Flor que representa a disciplina Libras enquanto uma semente plantada no solo da formação inicial de professores, semente essa simbolizada pela palavra direito. Nesse sentido, à luz de Martins (2008) corroboramos a ideia de que:

O direito da língua de sinais deve exceder ao reconhecimento legal: deve impulsionar as escolas à mudanças; os currículos escolares à alterações e descentramentos; não apenas com o

movimento de uma disciplina que mostra as relíquias de uma língua, mas afetando e minando mudanças estruturais na educação e na construção de um ensino verdadeiramente bilíngue (MARTINS, 2008, p. 201).

Essa argumentação conflui para o encaminhamento de que o ensino, possibilitado pela disciplina Libras, tem um papel importante para a transformação da realidade, seja pela problematização de questões estruturais, seja pela contribuição na luta do movimento surdo pela construção de escolas que se ocupem de promover um ensino bilíngue, de fato e de direito. Conquanto, reavemos a assunção de que a disciplina sozinha não dá conta de ser a propulsora das mudanças desejadas.

Outros pontos extremamente relevantes configuram-se no diálogo e na construção de novos saberes articulados ao ensino da Língua Brasileira de Sinais, posto que, na percepção da professora Flor, não deve restringir-se ao ensino de vocabulário, mas considerar as demarcações culturais, a identidade e alteridade das pessoas surdas.

Suas ponderações lançam luzes sobre “a alteridade, definida literalmente como a qualidade de ser, logo saber, o outro, implica uma relação entre o eu e o outro pela proximidade, cujo sentido primordial e último é a responsabilidade do eu pelo outro” (LOOS; SANT’ANA; RODRIGUEZ, 2010, p. 151). O outro, assim, é aquele com quem estabelecemos o diálogo, a proximidade e a responsabilidade.

Nesse caminho, o comprometimento ético-político relevado na representação da professora Flor exprime o ensino de Libras intimamente ligado às questões que envolvem marcas culturais, enredadas à identidade e à alteridade das pessoas surdas. Isto posto, coaduna-se com os constructos de identidade surda discutidos por Perlin (2000), no campo da alteridade encontra-se ressonância em Oliveira (2016), e a respeito das marcas culturais em Coelho (2011) e em Lopes e Veiga-Neto (2006).

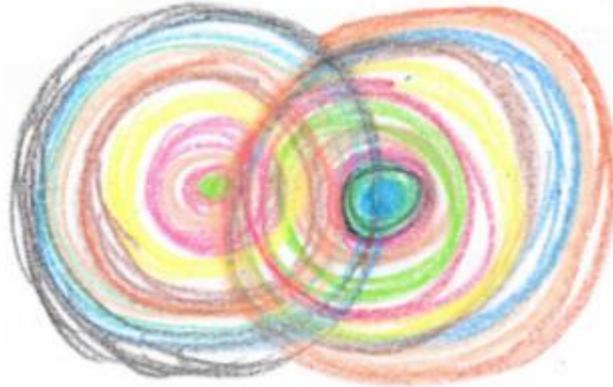
Reputamos que para a professora Flor, a disciplina Libras tem o potencial de proporcionar a construção de elementos identitários que favoreçam as diferenças e o engajamento vinculado à luta em uma perspectiva de emancipação, pautada na dimensão do respeito que, segundo ela, deve estar na base de todas as relações.

Reconhecemos em sua alocução uma perspectiva que aponta para a busca da superação da condição de opressão por meio de uma educação libertadora que promova a emancipação. Assim, encontramos em Freire (2013, p.72) o pressuposto de que os sujeitos oprimidos “precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais*. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica ser do homem”. Desse modo, identificamos na reflexão e na ação uma base promotora da construção de processos educativos comprometidos com o respeito, o diálogo, e a emancipação.

Seguidamente, apresentamos a quarta e última categoria temática de análise: reconhecimento da diversidade.

Apoiamo-nos em Góes (2012, p. 66-67, grifo nosso), ao afirmar que “aprender uma língua implica considerar um certo modo de significar *o mundo por meio da linguagem* e, portanto, uma *disponibilidade para perceber peculiaridades culturais*”. Destarte, o mundo, a linguagem e a língua são elementos profundamente interconectados, posto que o uso da língua e da linguagem pressupõe relações sociais diversas, distintas e plurais.

O professor Kyle recorre à simbologia de mundo como elemento central de sua representação imagética, na qual apresenta a possibilidade de conexão entre dois mundos, o “mundo ouvinte” e o “mundo surdo”, a saber:

**Desenho 5 - O encontro de dois mundos**

Fonte: Desenho elaborado pelo professor Kyle - *Corpus* da pesquisa (2019).

*É o encontro de dois mundos! Os ouvintes com os surdos... porque nós crescemos como ouvinte e aprendemos como ouvinte e no contato com o surdo e, ainda mais o profissional, o docente, às vezes ficamos perdido por não ter tido essa influência, essa exposição mesmo... Dois círculos que se encontram mesmo, lado a lado, não um em cima do outro pela questão da equidade... E a troca que há. Sempre no encontro você recebe e doa. Na questão das cores é a diversidade mesmo, as cores representadas por esse encontro, pela diferença, pela diversidade. E o que você ganha? E o que você oferece com tudo isso? As cores de um e do outro estão misturadas porque isso vai mudar, dependendo do encontro, de sua situação, mas vai ter sempre um vínculo. (PROFESSOR KYLE, grifo nosso).*

O professor Kyle simbolizou o encontro de dois mundos representados por círculos que se tocam e se fundem. Tais círculos são feitos de camadas coloridas enquanto uma referência às diferenças e à diversidade neles expressas. Percebemos que a interseção entre esses círculos possibilita trocas e enriquecimento sociocultural. A ideia de que esse encontro provoca mudanças e misturas indica movimento e transformação.

Concebemos que a convivência harmônica entre mundos gera valor acrescido para ambos. Essas argumentações sinalizam que no prisma da alteridade: “o outro é o caminho, a ponte, o grande mediador entre a

alteridade e minha identidade, entre o caminho de ida ao outro e de volta ao seu. Mas entre o eu o outro acontecem infinitas relações geridas por um delicado equilíbrio” (BECKER, 2010, p. 123). Isto implica em um descortinar-se diante do outro e de si mesmo, uma troca em que todos podem sair mobilizados e modificados.

Reportamo-nos ao Freire (2018a) para discutir o movimento e a mudança, na medida em que compreendemos que estamos no mundo e que, por sua vez, ele “está sendo”, está em transformação pela ação humana, pelas relações que decorrem dela. Assim, admitimos que:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *história*, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me *adaptar*, mas para *mudar*. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. (FREIRE, 2018a, p. 74-75, grifo do autor).

Essa perspectiva da mudança corrobora os enunciados do professor Kyle acerca do potencial transformador inerente ao encontro desses dois mundos, no qual surdos e ouvintes interagem, trocam, doam e recebem, ganham e oferecem, fatores esses que possibilitam estabelecer vínculos a partir de cada encontro, de acordo com o docente.

Afinamo-nos ao reconhecimento de que se faz necessário estar aberto à diversidade e ao diálogo com a diferença para que o encontro entre os mundos, repletos de significações e de marcas culturais distintas, seja profícuo e transformador. Assim, descortina-se que:

A razão ética da *abertura*, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber

inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude (FREIRE, 2018a, p. 133, grifo do autor).

As argumentações de Freire (2018a) revelam que estar aberto ao mundo é uma premissa diante da experiência de saber-se inacabado, na busca de respostas às indagações, bem como na disposição ao estabelecimento de relações dialógicas, repletas de boniteza e compromisso ético-político. Ao dialogarmos com a assertiva de Freire (2018a) e a representação do professor Kyle, consideramos que é preciso estar aberto ao encontro entre “os mundos”.

Isso implica em reconhecer que a língua é um importante elo para que o diálogo, o encontro discursivo, possa acontecer. Albres (2016, p. 155) sinaliza que “a apreensão do discurso do outro só existe em situações concretas de interação. Os sujeitos em diálogo fazem uso de uma mesma língua, que os coloca em situação de potencial interação e entendimento”. Esse aspecto é preponderante para compreendermos a relevância das línguas de sinais enquanto mediadores do encontro com os surdos, a fim de apreciarmos suas singularidades e a potência da construção de suas identidades culturais.

Aferimos que as categorias temáticas *emergentes*: *dinamizador de acessibilidade*; *mudanças metodológicas*; *semente do bilinguismo*; e *reconhecimento da diversidade*, estão amparadas nos *constructos freirianos* do *diálogo*, *da mudança*, e sobretudo da *esperança*, posto que é por acreditar na mudança é que se faz o dialógico, por desejar a mudança os docentes lançam-se à esperança.

Desta feita, Freire (2018b, p.37), adverte-nos:

Com base no inacabamento, nasce o problema da esperança e da desesperança. Podemos fazer dele o objeto da nossa reflexão. Eu espero na medida em que começo a busca, pois não seria possível buscar sem esperança.

Nesse sentido, coadunamos a assertiva de que “uma educação sem esperança não é educação” (FREIRE, 2018b, p.37). Nesse prisma, destacamos que ao representarem sobre o ensino de Libras os professores enlaçaram suas imagens e sentidos em constructos dialógicos que primam pela mudança, almejando-a, imbuídos sobremaneira de esperança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proferimos os pontos de destaque presentes nos desenhos elaborados pelos professores sujeitos dessa investigação: a relação universidade e escola enquanto uma possibilidade de mudança; as metodologias promotoras de diálogo e união; a semente da educação bilíngue plantada no solo da formação de professores; e os mundos que se encontram. Essas imagens relevam uma riqueza de significação para as reflexões no campo da educação de surdos e, mais precisamente, possibilita-nos vislumbrar alguns constructos freirianos elaçados às representações desses professores acerca do ensino de Libras.

No cerne dessa questão, importa-nos situar que essas representações docentes estão imbuidas dos seguintes constructos freirianos: o diálogo, extremamente articulado à comunicação e a acessibilidade para surdos; a esperança entrelaçada aos desejos de mudança, ao apontamento da necessidade de superação da prática tradicional, na medida em que se almeja práticas dialógicas, que reconheçam, respeitem e apreciem a diversidade.

Nesse íterim, percebemos que ao solicitarmos aos professores que representassem o ensino de Libras emergiram saberes freirianos. Isto posto, revela-se o desejo desses docentes de que a educação de surdos esteja comprometida com o diálogo, a esperança e a mudança.

**REFERÊNCIAS**

ALBRES, Neiva de Aquino *Ensino de Libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores*. Curitiba: Appris: 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

BECKER, Fernando. Alteridade e construção do sujeito. *In: STOLTZ, Tania; GUÉRIOS, Ettiène (Orgs). Educação e alteridade*. São Carlos: EdUFSCar, 2010, p.111-125.

BRASIL. *Decreto n. 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/DecretoD/5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/DecretoD/5626.htm). Acesso em: 27 mar. 2018.

BRASIL. *Lei n. 10.436*, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

COELHO, Orquídea. Conceptualização da surdez, manifestação e marcas da cultura surda e os casamentos “endógamos surdos”. *In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p. 277-293.

FLORES, Maria Assunção. Dilemas e desafios na formação de professores. *In: MORAES, Maria Célia; PACHECO, José Augusto; EVANGELISTA, Maria Olinda. Formação de professores: perspectivas educacionais e curriculares*. Porto: Porto Editora, 2003, p.127-155.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2018b.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas: Autores Associados, 2012.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.

LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. In: *Revista Perspectiva*. Florianópolis/SC: UFSC, v.24, nº especial, p. 81-100, jul/dez, 2006.

LOOS, Helga; SANT'ANA, René Simonato; RODRÍGUEZ, Susana Inés Núñez. Sobre o sentido do eu, do outro e da vida: considerações de uma ontologia acerca da alteridade e resiliência. In: STOLTZ, Tania; GUÉRIOS, Ettiène (Orgs.). *Educação e alteridade*. São Carlos: EdUFSCar, 2010, p 149-164.

MARTINS, V. R. de O. Análise das vantagens e desvantagens da Libras como disciplina curricular no ensino superior. *Cadernos do CEOM - Ano 21, n. 28 - Memória, História e Educação - Chapecó: Argos, 2008, p. 191-205.*

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. Um diálogo com o campo das representações sociais. In: ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares (Org.). *Representações sociais e educação: leituras imagéticas III*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 45-68.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; OLIVEIRA, Waldma Maíra Menezes de; SILVEIRA, Andréa Pereira. A técnica do desenho na pesquisa educacional sobre representações sociais. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; OLIVEIRA, Waldma Maíra Menezes de; LOBATO, Huber Kline Guedes (Orgs.). *Pesquisa Educacional sobre representações sociais: o uso da técnica do desenho e dos mapas conceituais*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 21-54.

PERLIN, Gladis T. T. Identidade surda e currículo. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; GÓES, Maria Cecília Rafael de (Orgs.). *Surdez: processos educativos e subjetividades*. São Paulo: Lovise, 2000. p. 23-28.

SILVEIRA, Andréa Pereira; LOBATO, Huber Kline Guedes; SILVA, Lucival Fábio Rodrigues da. Representações Sociais sobre o ensino-aprendizagem de Libras: especificidades pedagógicas no Ensino Superior. *In*: RAMOS, C. T. R, de; BARBOSA, Marily, Oliveira; BRIEGA, Diléia Ap Martins (Orgs.). *Pesquisas em Educação Especial: fios e desafios*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017. p. 213 -231.